

Ética, História e Política nas páginas da história em quadrinhos de Watchmen

Ethics, history and politics in the pages of the comic books Watchmen

Ms. Gelson Vanderlei Weschenfelder

Graduado em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos e Mestre em Educação pelo Centro Universitário La Salle –Unilasalle. Aluno especial educação FAGED- UFRGS.

Ms. Lucas Eduardo Ramos

Graduado em História pela Universidade Feevale - Mestre em Educação pelo Centro Universitário La Salle –Unilasalle.

Resumo: Watchmen é uma *graphic novel* mais aclamada e influente de todos os tempos, considerado o *Best Seller* das histórias em quadrinhos. Esta é considerada um marco importante na evolução das histórias em quadrinhos, introduziu abordagens e linguagens antes ligadas apenas aos quadrinhos ditos alternativos, além de lidar com temática de orientação mais madura e menos superficial. Este adquiriu vários prêmios, até um de literatura, sendo até então a única história em quadrinhos que ganhou este. O presente texto vem apresentar aspectos éticos e pedagógicos desta história em quadrinhos. Teorias sobre ética de diversos filósofos e história mundial são apresentadas nesta trama, através de uma obra para o entretenimento. Pretende-se apresentar alguns Super-Heróis de Watchmen, e mostrar como cada um deles apresenta um aspecto importante da referidas teorias éticas. Destacando a ética aristotélica, Kantiana e Utilitarista.

Palavras-chave: Watchmen; Histórias em Quadrinhos; Guerra Fria; ética e Alexandre o Grande.

Abstract: Watchmen is a graphic novel most acclaimed and influential off all time, considered the best seller of comic books. This is considered an important milestone in the evolution of comic books, languages and approaches introduced previously linked only to the so-called alternative comics, and deal with more mature thematic orientation and less superficial. This took several awards, to one of literature, and so far the only comic who won this. This text is presenting educational and ethical aspects of the comic book called Watchmen. Theories of various philosophers on ethics and world history are presented in this plot, through a work for entertainment. They try to present some

Super-Heroes Watchmen, and show how each has an important aspect of these ethical theories. Highlighting the Aristotelian ethics, Kantian and utilitarian.

Keywords: Watchmen; Comics; Cold War ; ethics and Alexandre The Great

Introdução: O Universo Watchmen

Diário de Rorschach. 13 de Outubro de 1985. 23h30. Sexta à noite, um comediante morreu na cidade de Nova York. Ninguém liga. Ninguém! Ninguém além de mim (GIBBONS; MOORE, 2005, p. 30).

EUA de 1985; o país está vivendo um momento delicado de sua história, está no auge da Guerra Fria, e em via de declarar guerra nuclear contra a URSS. É neste contexto que se passa a trama *Watchmen*, uma das HQ's¹ mais aclamadas pela crítica e mudou completamente o mundo dos super-heróis dos quadrinhos. Esta trama envolve os episódios vividos por um grupo de super-heróis do passado e do presente que, foram forçados a se aposentar pelo governo dos EUA, e os eventos que circundam o misterioso assassinato de um deles.

Esta obra-prima escrita e desenhada por *Alan Moore* e *Dave Gibbons*, nos traz uma série de questões filosóficas, principalmente uma série de teorias éticas apresentadas, representando ações de cada herói da trama.

A trama principal trata dos desdobramentos de uma conspiração revelada após a investigação do assassinato de um herói aposentado, o *Comediante*, que atuara nos últimos anos como agente do governo. Em torno desta história giram várias tramas menores que exploram a natureza humana e as diferentes interpretações de cada pessoa para os conflitos do bem contra o mal, através das histórias pessoais e relacionamentos dos personagens principais.

A responsabilidade moral é um tema de destaque, e o título *Watchmen* refere-se à frase de um poeta romano *Juvenal* que viveu do primeiro ou segundo século depois de Cristo, onde satirizou a ação dos homens que punham guardas para garantir a castidade de suas mulheres, com a frase em latim "*Quis custodiet ipsos custodes*", traduzida em português em "Quem vigia os vigilantes?".

¹ Histórias em Quadrinhos.

Na realidade histórica alternativa apresentada em *Watchmen*, *Richard Nixon* teria conduzido os EUA à vitória na Guerra do Vietnã e em decorrência deste fato, teria permanecido no poder por um longo período. Esta vitória, além de muitas outras diferenças entre o mundo verdadeiro e o retratado nos quadrinhos, como por exemplo, os carros elétricos serem a realidade da indústria dos automóveis e o petróleo não ser mais a maior fonte de energia, derivaria da existência naquele cenário de um personagem conhecido como *Dr. Manhattan*, um indivíduo dotado de poderes especiais, os quais o levam a possuir vasto controle sobre a matéria e a energia, elevando-o a um estado de semideus.

Neste mundo existiriam quadrinhos de super-heróis no final de 1930, os quais eventualmente seriam a principal inspiração para que um dos personagens da série viesse a se tornar um combatente do crime (o primeiro *Coruja*) na qual com o passar do tempo, junto com outros vigilantes mascarados formam em 1940 o primeiro grupo de super-heróis, os *Minutemen*.

O Dr. Manhattan, o único a possuir poderes (como explodir e desmontar objetos ou até pessoas, pois controla os átomos), foi o primeiro da "nova era" de super-heróis mais sofisticados que durou do começo dos anos de 1960, com a aposentadoria dos Minutemen, até a promulgação da *Lei Keene* em 1977, implantada em resposta à greve da polícia e a revolta da população contra os vigilantes que agiam acima da lei.

A Lei Keene, foi uma reação à percepção de uma crise. A ascensão da ilegalidade e da desordem, junto com a ameaça à segurança no emprego que os heróis representavam para a polícia, levou a se registrar e trabalhar para o governo ou se aposentar (IRWIN, 2009, p. 44). A maioria dos vigilantes resolveu se aposentar, alguns revelando suas identidades secretas para faturar com a atenção da mídia; caso de *Adrian Veidt*, o herói *Ozymandias*, considerado o homem mais inteligente da face da Terra. Outros, como o Comediante e o Dr. Manhattan, continuaram a trabalhar sob a supervisão e o controle do governo. O *Coruja II* e a *Spectral II*, resolveram se aposentarem. O vigilante conhecido como *Rorschach*, entretanto, passou a operar como um herói renegado e fora-da-lei, recusando-se a reconhecer a autoridade da lei, sendo freqüentemente perseguido pela polícia.

A história abre com a investigação do assassinato de *Edward Blake*, logo revelado como sendo a identidade civil do vigilante mascarado conhecido como o Comediante. Tal assassinato chama a atenção de Rorschach, o qual passará toda a

primeira metade da trama entrando em contato com seus antigos companheiros em busca de pistas, considerando praticamente todos como possíveis suspeitos.

Rorschach suspeita basicamente que o evento da morte de Blake estaria relacionado a um possível rancor de criminosos presos pelos heróis no passado, tese que ganha força à medida que outros ex-combatentes do crime e o próprio Rorschach são duramente atingidos por um aparentemente planejado ataque sistemático à suas integridades físicas e credibilidade.

A ameaça pelo extermínio humano, eminente a uma guerra nuclear, faz com que Veidt (o homem mais inteligente da Terra), tramou a maior peça do mundo, conspirando contra seus antigos companheiros de equipe, assassinando um deles, para seu plano dar certo. Assassinando milhões para salvar bilhões. Terminando com a ameaça nuclear, unindo os inimigos (EUA e URSS) para combater um inimigo em comum.

O mundo será punido por desejar a Terceira Guerra Mundial (...). O Comediante estava certo, a natureza selvagem do ser humano vai inevitavelmente levar a aniquilação global. Então, para salvar o nosso planeta, eu tive que, fingir. Pregando a maior peça da história da humanidade. Matando milhões para salvar bilhões. Um crime necessário (SNYDER, 2009).

A Guerra Fria

O conflito leva essa designação porque foi um período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período do final da Segunda Guerra Mundial (1945) até a extinção da URSS (1991). Foi uma guerra de ordem política, militar, tecnológica, econômica, e ideológica entre as duas nações e suas respectivas zonas de influência.

Há análises mais simplistas que a classificam como uma disputa entre o capitalismo, representado pelos EUA, e o socialismo, defendido pela URSS. Mas essa caracterização só pode ser válida até um certo ponto, mais exatamente até os anos 1950, pois logo após, nos anos 1960, o bloco socialista foi dividido com a China comunista se aliando aos Estados Unidos na disputa contra a URSS.

Ela leva esse nome pelo fato de não ter sido caracterizada por conflitos bélicos diretos, visto a impossibilidade de vitória frente a uma batalha nuclear. A atividade conhecida como corrida armamentista pela construção de arsenais de armas nucleares foi o objetivo central durante a primeira parte da Guerra, sendo retomada com mais pulso nos

anos 1980 através da política do presidente estadunidense *Ronald Reagan*, chamado “Guerra nas Estrelas”.

Os dois lados travaram uma luta ideológica e política durante o período. Quando um governo socialista era implantado em algum país do chamado Terceiro Mundo, o governo norte-americano entendia o fato como uma ameaça à sua hegemonia. Ao passo que se um movimento popular combatesse um governo aliado aos soviéticos, estes poderiam receber apoio dos Estados Unidos. Os principais conflitos paralelos e ligados à Guerra Fria foram: A Guerra da Coreia (1950-1953); a Guerra do Vietnã (1962-1975); a Guerra do Afeganistão (1979-1989). Não deixando de lado o clima ostensivo entre Cuba e Estados Unidos, e a Guerra das Malvinas (1982) entre Argentina e Reino Unido.

A história criada por Alan Moore em *Watchmen* é situada nos EUA no ano de 1985, numa realidade onde vigilantes mascarados fazem parte da realidade. A nação estaria passando por um momento delicado em decorrência da Guerra Fria e em vias de declarar um conflito nuclear contra a União Soviética.

A trama traz histórias com personagens vividos por um grupo de super-heróis de verdade, cautelosos e em dúvida devido ao misterioso assassinato de um membro do grupo. Todos os vigilantes seriam pessoas comuns com problemas éticos e psicológicos normais, porém atualmente proibidos por lei de atuarem como justiceiros. Todos agiam fantasiados e não possuíam super-poderes, exceto o Dr. Manhattan. Carregando o nome civil de Jonathan Osterman, o personagem poderia ser equiparado a um semi-deus, é o único herói da trama dotado de super-poderes. Dr. Manhattan originalmente era um cientista nuclear, sua vida era absolutamente comum até o momento em que sofreu um acidente e foi desintegrado. Sendo que mais tarde sua força de vontade fez com que seus átomos se unissem novamente e ele volta à vida, mas totalmente modificado. Surgiu como um ser dotado de poderes como manipulação de matéria, teletransporte para pequenas e longínquas distâncias, até para outros planetas, e multiplicação do próprio corpo.

Na história ele se torna a grande carta na manga do governo dos EUA, tanto na área militar quanto tecnológica. Ao longo da saga o Dr. Manhattan foi perdendo seu lado humano, dando lugar a um ser insensível e curioso, que manifestava interesse apenas por algumas reações químicas, ele teria ainda consequências diretas na geopolítica e na economia mundial. Moore criou uma realidade onde balões dirigíveis e carros elétricos eram um meio de transporte bastante eficaz e economicamente viável, eram imensos objetos voadores planando sob os arranha-céus das metrópoles apregoando ainda mais

um ambiente de terrorismo. No plano político, a existência deste herói super-poderoso teria feito a balança da Guerra Fria pender para o lado dos Estados Unidos, pois na trama, até o ano de 1985 a União Soviética não teria invadido o Afeganistão. Moore alterou ainda outra parte da realidade histórica apresentada na série, o presidente Richard Nixon teria conduzido os Estados Unidos à vitória na Guerra do Vietnã, por conta disso ele teria permanecido no poder por mais tempo.

Rorschach: o kantiano

Diário de Rorschach. 13 de Outubro de 1985. Porque existe o bem e existe o mal. O mal deve ser punido. Mesmo no dia do juízo final, isso não irá mudar. Mas tem muitos merecendo pagar... e tão pouco tempo (GIBBONS; MOORE, 2005, p. 30).

Rorschach carrega um grande fardo em suas costas. Ele viu a verdadeira face da cidade, viu este mundo cheio de vermes, pelo que ele é: uma vala dos desgraçados, cada um escalando sobre as costas dos outros, por nada mais que um prazer insignificante, para simplesmente continuar essa vida patética por um segundo, um minuto, um dia a mais (IRWIN, 2009, p. 29).

Diário de Rorschach. 12 de Outubro de 1985. esta manhã, no beco, havia um cão morto com marcas de pneu no ventre rasgado. A cidade tem medo de mim. Eu vi o rosto dela. As ruas são sarjetas dilatadas e essa sarjetas estão cheias de sangue. Quando os bueiros finalmente transbordarem, todos os ratos irão se afogar. A imundice acumulada de todo o sexo e matanças que praticaram vai espumar até suas cinturas e todos os políticos e rameiras olharão para cima, gritando “salve-nos”... e, do alto, eu vou sussurrar: “não”.

E continua:

Eles tiveram escolha. Todos eles. Podiam ter seguido os passos de homens honrados, como meu pai (...). homens decentes, que acreditavam no suor do trabalho honesto. Em vez disso, seguiram os excrementos de devassos e sem perceber, até ser tarde demais, que a trilha levava a um precipício. Não me digam que eles não tiveram opção. Agora o mundo todo está na beira do abismo, contemplando os liberais, intelectuais e sedutores de fala macia, que ardem no inferno... e, de repente, ninguém mais sabe o que dizer (GIBBONS; MOORE, 2005 p. 7).

Verdadeiramente a mente deste herói é sombria, mas mesmo assim é regida por um principio simples, de longa e venerável tradição: o mal deve ser punido (GIBBONS; MOORE, 2005 p. 7). Desta forma, Rorschach exemplifica a *teoria retributiva da*

punição; ele sustenta que os malfeitores devem ser punidos, por terem feitos maldades, pois estes merecem a tal punição. Todos nós desejamos punição. Todos se sentimos um pouco do personagem, queremos corrigir erros e os malfeitores sofrendo pelo crime cometido. Rorschach, como apropriado ao seu nome, nos deixa ver a nós mesmos (IRWIN, 2009, p. 30).

Mas, em nossa missão para distribuir a justiça merecida, corremos o risco de nos tornarmos os monstros que combatemos. Na HQ de Watchmen, no final do capítulo VI, há uma citação do filósofo alemão *Nietzsche* (1844-1900): “*Não enfrentes monstros sob pena de te tornares um deles, e se contemplos o abismo, a ti o abismo também contempla*” (NIETZSCHE *apud* GOBBONS; MOORE, 2005, p.204). Assim já podemos imaginar como o herói Rorschach e transformaria.

Os motivos deste herói são puros: é a busca da justiça, da ordem moral, daquilo que é certo. Ele busca uma *justiça retributiva* ou *retificadora*, a ideia de procurar compensar uma injustiça mediante a retificação da situação, ou pela recuperação da igualdade a que a injustiça pusera fim. É o princípio ‘*olho por olho, dente por dente*’. O conceito de retificação sugere retirar do criminoso e que se dê à vítima deste. Contempla a ideia do castigo, e que a ordem moral está desequilibrada enquanto essa é claramente difícil de reconciliar com as morais consequencialistas e antecipativas, uma vez que não faz referências às vantagens adquiridas com a retribuição, vendo-a apenas como um fim em si (BLACKBURN, 1997). Para Rorschach, os culpados devem ser punidos, pois são culpados, e a punição deles deveria ser proporcional aos seus crimes. A punição deve se adequar à gravidade dos crimes do malfeitor. Tornando o herói assim em um herói retributivista.

Para o também filósofo alemão *Kant* (1724-1804), “*a[punição] deve ser sempre infligida sobre [o criminoso] apenas porque ele cometeu um crime*” (KANT, 1996, p. 331), para ele a punição não deveria ser dado para o bem do criminoso, como por exemplo, para a reforma ou reabilitação, pois assim, seria trata-lo como um animal, um cão que é domesticado. O malfeitor não deve ser tratado como um mero fim, não devemos usar este (uma pessoa) para os fins da sociedade, “*pois um ser humano não pode nunca ser tratado com um meio para os propósitos de outro*” (*op. cit.*), com isso o filósofo queria nos dizer que, deveríamos tratar as pessoas com respeito. E o por que criminosos mereciam ser punidos, pois sua punição deve respeitá-los como agentes morais, e não animais a serem domesticados, como malfeitores a ser responsabilizados

por suas ações (IRWIN, 2009, p. 33). E Assim como diz Kant (2003) “Então, age de forma a usar humanidade, seja na sua própria pessoa ou na pessoa de qualquer outro, sempre, ao mesmo tempo, como fim, nunca meramente como meio”.

Se falharmos em punir os criminosos e malfeitores, estaríamos não tratando-os como membros plenos da sociedade moral. Na visão de mundo do herói Rorschach, ele é ordenado por valores comuns, e os desviantes ameaçam sua coesão. Pois para ele, nossa dignidade está se agirmos como se o mundo fosse justo, mesmo quando ele claramente não é (IRWIN, 2009, p. 35). Para o filósofo *Hegel* (1770-1831) “*a punição é o cancelamento do crime(...) e a restauração do que é certo*” (HEGEL apud IRWIN, op. cit., p. 35). Para este, só por meio da punição podemos reafirmar os valores que foram transgredidos e fazer o criminoso sentir o erro que cometeu. E Rorschach adora fazer o malfeitor sentir isso. A punição serve para proteger e reproduzir uma ordem moral ideal.

Cada um deve respeito o próximo e tratá-los como fins em si mesmos, pessoas que merecem respeito pelo que são, agentes livre e racionais. A punição é, como descreve *Irwin*, meramente um instrumento para implementar essa ordem moral. E Rorschach expressa isso, quando fala com o psiquiatra no presídio:

Este mundo sem leme não é moldado por vagas forças metafísicas. Não é deus que mata as crianças. Não é a sina que as esquarteja ou o destino que as dá de comer aos cães. Somos nós. Apenas nós (GIBBONS; MOORE, 2005 p. 202).

O valor da vida está em como ela é vivida. É somente com justiça e ética, que vem o valor e respeito. Assim como Kant descreve, “*pois, se a justiça se vai, não há mais qualquer valor nos seres humanos vivendo na Terra*” (KANT, 2003). Rorschach busca esta justiça, uma centelha da moral, para uma luz no fim do túnel.

Em um último diálogo, com seus companheiros, Veidt, o homem mais inteligente do mundo, vendo que seu plano deu certo comenta, “duas super-potências desistindo da guerra (EUA e URSS). Eu salvei a terra do inferno. Nós salvamos (...). Agora podemos voltar a cumprir nosso dever (SNYDER, 2009).

Na qual Rorschach responde: “*O nosso dever é fazer justiça. Todo mundo vai saber o que você fez!*” (SNYDER, 2009), seguindo o diálogo:

Veidt – *Será mesmo Rorschach, se me denunciar irá sacrificar a paz pela qual milhões morreram hoje.*

Coruja II – *Paz baseada em uma mentira.*

Veidt – *Mas é paz, apesar de tudo.*

Dr. Manhattan – *Ele está certo.*

Espectral – *Não, não podemos fazer isso!*

Dr. Manhattan – *Você me ensinou o valor da vida humana, se quisermos preservá-la aqui, temos que ficarmos em silêncio.*

Rorschach – *Fiquem vocês com suas mentiras! Não faço acordos, nem mesmo diante do Armagedom.*

Fora do palácio de Veidt, Rorschach encontra Dr. Manhattan. E continua o diálogo:

Dr. Manhattan – *Rorschach, você sabe que não posso permitir isso!*

Rorschach – *Se tivesse se importado desde o começo (com a humanidade) nada disso aconteceria.*

Dr. Manhattan – *Posso mudar quase tudo Rorschach, mas não posso mudar a natureza humana.*

Rorschach – *Claro, deve proteger a utopia de Veidt. Um cadáver a mais não faz diferença. Muito bem, o que está esperando, vai me mate, me mate...².*

Rorschach, no final da trama de Watchmen, mesmo sabendo que esta seria sua última atitude antes da morte, ele comenta: “o mal deve ser punido. Pessoas alertadas” (GIBBONS; MOORE, 2005 p. 403). Rorschach sabe que se deixar o plano de Veidt escapar ileso, a justiça foi comprada, mas não realizada. Para Kant, sem justiça, não há valor na vida humana, como vimos acima. O herói se recusa a fazer concessões, vender a justiça, mesmo que isso signifique desfazer a ilusão de Veidt e, portanto, garantir que os milhões que morreram o tenham feito em vão. Enquanto lágrimas escorrem, sabendo do seu destino, ele berra, “vai me mate”, e Dr. Manhattan o evapora (IRWIN, 2009, p.37). Rorschach não quis a morte. Ele entendeu o que os outros companheiros de luta contra o crime não conseguiam entender, “É melhor sacrificar a vida do que negligenciar a moralidade. Não é necessário viver, mas é preciso que, enquanto vivemos, o façamos com honra” KANT *apud* IRWIN, op. cit., p. 38).

² Dialogo retirado do filme Watchmen : o filme.

Alexandre da Macedônia

Seja como for, não é fácil estabelecer com exatidão o papel de Alexandre, quer como força propulsora do helenismo, quer como transmissor de valores orientais no ocidente. As duas versões da sua curta e gloriosa vida são provavelmente verdadeiras. Situado na fronteira de dois mundos que se combateram e se interpenetraram durante séculos – das guerras de Troia e Bizâncio e mesmo depois, até a idade moderna – Alexandre tanto transmitiu, quanto recebeu. Seu gênio militar é indiscutível e indiscutido: foi um dos maiores generais de todos os tempos. Seu desaparecimento prematuro e o rápido desmoronamento do seu império dificultam a formação de juízos definitivos sobre a sua estatura política e intelectual. Ele foi um desses homens raros, que cortam os céus da História com a luminosidade dos meteoros e, para o bem ou para o mal, deixam suas vidas gravadas na imaginação dos povos (MENDONZA Aput CASTRO, 1973, p. 13).

Alexandre da Macedônia (356-323 a.C.) foi um dos maiores conquistadores do mundo antigo. Tornando-se o rei aos vinte anos, substituindo seu pai Felipe, o rei da Macedônia, que fora assassinado. Muitas foram as razões de seus grandes êxitos militares, entre eles o de que Alexandre era um general de extraordinária habilidade e sagacidade, pois não há registro de que tivesse perdido uma batalha. A expansão territorial que ele proporcionou é uma das maiores da história, abrangendo praticamente todo o mundo conhecido na época.

Ainda adolescente, já se destacava em suas conquistas, uma de suas primeiras glórias foi domar um bravo cavalo chamado Bucéfalo quando ninguém conseguia fazê-lo, o animal se tornou famoso por ser o companheiro fiel do imperador. Segundo Paulo de Castro (1973) o jovem Alexandre, então com 13 anos de idade, foi pupilo do famoso filósofo Aristóteles, a partir do ano de 343 a.C. Seu pai Felipe o selecionou entre outros devido ao grande sucesso de sua obra *A política*. O filósofo soube equilibrar a educação física com a intelectual, passando para seu aluno várias lições, desde a literatura de Homero até várias outras disciplinas como dialética, retórica, metafísica, ciências naturais, medicina e geografia. É interessante relacionar a obra *A política* com o destino de Alexandre, nela estava escrito que a Grécia poderia dominar o mundo se estivesse unida, o que acabou ocorrendo pelas mãos do seu estudante macedônico.

Dando continuidade ao avanço territorial de seu pai, ele acabou por sufocar as revoltas gregas em sua região, e logo após partiu com seu exército de 40.000 homens em direção ao oriente. Nas novas terras obteve vitórias históricas no Egito, Mesopotâmia e na Pérsia. É curioso observar que o personagem histórico agia na contramão da tendência da época, a de se voltar contra o que se desconhece. Alexandre por sua vez assumiu uma

atitude de igualdade racial partindo para uma fusão de raças, tentando criar uma síntese entre o oriente e ocidente, deu exemplo ao casar-se com a egípcia *Roxana*, também encorajava o casamento entre oficiais seus e mulheres persas. O imperador fez o que pôde para aplicar o helenismo,³ fundou cidades com o seu nome, além de homenagear seu inseparável cavalo Bucéfalo.

Sem mesmo chegar aos 33 anos de idade e já com todos os domínios que tinha, empenhou-se na campanha contra a Pérsia. O conflito o levou para uma viagem até os confins da Índia, onde morreria longe de sua terra natal, provavelmente em função de febre provocada pela malária.



Mapa do Império conquistado por Alexandre⁴

Adrian Veidt: Inspiração em Alexandre

O personagem Ozymandias (Adrian Veidt) fazia parte do grupo de heróis aposentados, encarna um multi-milionário brilhante e extremamente egocêntrico movido por um obscuro senso de dever. Seu codinome remete à descrição da estátua do rei Ozymandias esquecida no deserto. Considerado na trama o homem mais inteligente do mundo, seus talentos o tornam um exímio atleta e lutador, capaz de desviar de balas calculando a trajetória na hora do disparo.

³ Período histórico caracterizado pela difusão da civilização grega na área que se estendia do mar Mediterrâneo oriental à Ásia Central. O helenismo foi a concretização do ideal de Alexandre, difundir a cultura grega a todos os territórios conquistados.

⁴ SPINELLI, Miguel. **Helenização e Recriação de Sentidos**. A Filosofia na época da expansão do Cristianismo - Séculos, II, III e IV. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

Na trama de Alan Moore, Adrian Veidt manipula as duas superpotências da Guerra Fria (EUA e URSS) no intuito de salvar o planeta de um desastre maior. Em seu plano para terminar com a ameaça nuclear constante, ele consegue unir os dois países inimigos em torno de um inimigo em comum. Buscando inspiração e justificativas na biografia de Alexandre da Macedônia, Veidt relata que idolatrava a figura de Alexandre:

Morreu aos 33 anos de idade, dominando a maior parte do mundo civilizado. Governando sem barbárie! Em Alexandria, instituiu o maior centro de aprendizado do mundo antigo. Houve mortes, é verdade... Talvez desnecessárias, mas quem há de julgar? Vejam quão perto ele chegou de sua visão de um mundo unificado! Eu decidi pautar o meu sucesso pelo dele. [...] Eu queria repetir suas realizações, trazendo uma era de luz a um mundo de trevas (GIBBONS; MOORE, 2005 p. 354).

Desse modo Veidt se auto-equipara ao imperador Macedônico, sob sua visão um legendário líder que uniu o planeta na época, mesmo à base de muito derramamento de sangue.

Conclusão

Diário de Rorschach. 1º de Novembro de 1985. Me esforcei para ser compreensível. Acredito que tracei um quadro aterrador (...). Quando a mim, de nada me arrependo. Levei a vida livre de compromissos... e agora avanço rua às sombras sem me queixar (GIBBONS; MOORE, 2005 p. 334).

Watchmen é a *graphic novel*⁵ mais aclamada pela crítica e mudou completamente o mundo dos super-heróis. Esta obra levanta questões que todos nós deveríamos olhar com maior atenção. Estas HQ podem ser objeto de investigação para a filosofia e para muitas ciências, como a sociologia, a psicologia, a teologia, a história, a literatura, dentre outras.

Esta história, tanto nas HQ's, quando as telas de cinema, são recheadas de riquezas filosóficas. Desde a natureza metafísica, passando por questões de gênero, mas principalmente sobre questões éticas.

Teoria ética dos filósofos como Kant, Bentham, Mill e Aristóteles, estão representados nas atitudes dos heróis mascarados desta história, algo que possamos usá-

⁵ Um romance gráfico (também se utiliza o termo inglês *graphic novel*) é uma espécie de livro, normalmente contando uma longa história através de arte sequencial (História em quadrinhos), e é frequentemente usado para definir as distinções subjetivas entre um livro e outros tipos de histórias em quadrinhos.

lo para inserir tais discussão em sala de aula. De uma forma perspicaz, o leitor pode assimilar facilmente, a teoria ética aprendida em sala de aula, com as atitudes dos personagens destas HQ. Quem não queria viver o papel do herói Rorschach e sair por aí fazendo justiça com as próprias mãos? Acredito que muito se apegam a este personagem. Quem não questiona se Veidt, o herói Ozymandias não estava certo quanto a sua atitude?

Alan Moore criou uma realidade alternativa ao período da Guerra-Fria, mas que devidamente explicado, pode bem servir como plano de fundo didático sobre o conflito global.

A história de Alexandre da Macedônia, contada por Adrian Veidt é fiel aos dados históricos conhecidos, podendo servir perfeitamente como fonte de inspiração aos estudantes para compreender o período histórico da antiguidade, do qual o imperador fazia parte. Então, além da finalidade explícita de proporcionar entretenimento, esta história em quadrinhos de super-heróis, apresentam as questões relacionadas ao comportamento moral e dão exemplos de virtuosismo e ações éticas para os seres humanos entendê-las e enfrentarem melhor os problemas morais do dia-a-dia. Principalmente relações sobre poder e sociedade. Como diz o herói mascarado Rorschach “Porque existe o bem e existe o mal. O mal deve ser punido. Mesmo diante do juízo final.” (GIBBONS; MOORE, 2005. p. 30).

REFERÊNCIAS

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.

CASTRO, Paulo de. *Alexandre, o Grande*. Biblioteca de história. Grandes personagens de todos os tempos. São Paulo, SP: Ed.Três, 1973.

GIBBONS, Dave; MOORE, Alan. *WATCHMEN*. Edição Definitiva. DC Comics. Editora Panini, 2005.

IRWIN, William. *Wachtmen e a filosofia*. São Paulo: Ed. Madras, 2009.

KANT. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

KANT. *The metaphysiscs of morals* .Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.

SNYDER, Zack. *Watchmen:O filme*. Direção: Zack Snyder. Warner Bros Pictures, 2009.1 DVD (162 min), color.

SPINELLI, Miguel. *Helenização e Recriação de Sentidos*. A Filosofia na época da expansão do Cristianismo - Séculos, II, III e IV. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.